

CULTURA E RECONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: QUESTÕES BASILARES PARA UM DIÁLOGO LATINO-AMERICANO¹

Larissa Michelle Lara

Universidade Estadual de Maringá/Brasil

Envio original: 01-08-2018. Revisões requeridas: 10-08-2018. Aceitar: 15-08-2018. Publicado: 03-09-2018.

Resumo

Este artigo discute a cultura e o reconhecimento como questões basilares para um diálogo profícuo no contexto da educação física latino-americana e problematiza como essas categorias alimentam processos intersubjetivos, impulsionam colaborações acadêmicas e qualificam a produção de conhecimento na área. Para tanto, são apresentados dados acerca das relações entre cultura e educação física a partir da colaboração de pesquisadores vinculados a Instituições de Ensino Superior latino-americanas em oito países, bem como evidenciadas questões afetas à cultura e ao reconhecimento que possam contribuir para se pensar em uma educação física latino-americana. Com isso, sugere-se a intensificação do processo dialógico entre pesquisadores que resulte na compreensão do panorama da educação física latino-americana e na leitura crítica dessa realidade, de modo a fomentar e qualificar os saberes construídos e as ações de intervenção.

Palavras-chave: cultura, reconhecimento, educação física, América Latina.

Cultura y reconocimiento en la Educación Física: preguntas básicas para el diálogo latino-americano

Resumen

Este artículo discute la cultura y el reconocimiento como cuestiones basilares para un diálogo provechoso en el contexto de la educación física latinoamericana y problematiza cómo estas categorías alimentan procesos intersubjetivos, impulsan colaboraciones académicas y califican la producción de conocimiento en el área. Para ello, se presentan datos sobre las relaciones entre cultura y educación física a partir de la colaboración de investigadores vinculados a Instituciones de Enseñanza Superior latinoamericanas en ocho países, así como se evidencian cuestiones afines a la cultura y al reconocimiento que puedan contribuir a pensar en una educación física latinoamericana. Con ello, se sugiere la intensificación del proceso dialógico entre investigadores que resulte en la comprensión del panorama de la educación física latinoamericana y en la lectura crítica de esa realidad, de modo a fomentar y calificar los saberes construidos y las acciones de intervención.

Palabras clave: cultura, reconocimiento, educación física, América Latina.

Culture and recognition in Physical Education: basic issues for a Latin American dialogue

Abstract

¹ A investigação recebeu auxílio da Fundação Araucária, na modalidade de Bolsa Produtividade em Pesquisa.

This article discusses culture and recognition as basic issues for a beneficial dialogue in the context of Latin American physical education and problematize how these categories feed into intersubjective processes, how they foster academic collaborations and how they qualify the production of knowledge in the area. To this end, we present data on the relations between culture and physical education based on the collaboration of researchers linked to Latin American Higher Education Institutions in eight countries, alongside highlighted issues related to culture and recognition that may contribute to thinking about a Latin American physical education. Therefore, we suggest that the dialogical process among researchers that results in an understanding of the panorama of Latin American physical education and a critical reading of this reality, should be strengthened, in order to encourage and qualify the constructed knowledge and intervention actions.

Key words: culture, recognition, physical education, Latin America.

1. Introdução

A cultura não terminava, para nós, na produção e no consumo de livros, quadros, sinfonias, filmes e obras de teatro. Nem sequer começava ali. Entendíamos por cultura a criação de qualquer espaço de encontro entre as pessoas, e eram cultura, para nós, todos os símbolos da identidade e da memória coletiva: os testemunhos do que somos, as profecias da imaginação, as denúncias do que nos impede de ser (Galeano, 2010: 167, tradução nossa).

Ao eleger a cultura e o reconhecimento como categorias para se pensar numa educação física latino-americana volto-me a questões que envolvem a construção da diferença a partir daquilo que Boaventura de Souza Santos (2003: 56) sabiamente expressou: “[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza”. Nessa direção, a diferença passa a ser um marcador do campo cultural e daquilo que nos leva a identificar situações de reconhecimento ou desrespeito à vida e à existência humana, em que se processam discursos identitários. Contudo, é pelo entendimento de que as construções humanas são diferentes e expressas de modos peculiares pelas distintas sociedades que se buscam formas de reconhecimento como abertura ao “outro” e, nesse caso, ao outro latino-americano.

Ao se possibilitar olhar o outro pelo viés da cultura, passa-se a dar visibilidade a um jogo tensional marcado por processos de dominação e resistência, bem como pela estruturação de sentidos e significados que se expressam diferentemente, influenciados por contextos sociais, políticos, econômicos e/ou tecnológicos. Nessa direção, assumo com Hall (1997: 13) a ideia de que a cultura não é tudo, “[...] mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural.” Por esse enfoque, o trato da cultura, em sua condição simbólica e material, possibilita reconhecer modos objetivos e subjetivos de produzir conhecimento na educação física, constituindo-se como caminho necessário para a desnaturalização de ‘modos não naturais’ de produção

da vida. A luta por reconhecimento (desenvolvido por Axel Honneth, com base no modelo conceitual hegeliano) é buscada como forma de valorização da construção identitária individual e coletiva, a qual é desencadeada a partir de situações de desprezo e desrespeito sociais expressas pelo corpo, o que culmina em conflitos e tensões no campo cultural.

Nesse texto, em especial, as discussões acerca da cultura e do reconhecimento mesclam-se às preocupações com uma educação física latino-americana. Estudos acerca da educação física e do esporte na América Latina (Matiello, Capela, Breilh, 2010; Silva, Bedoya, 2015; 2017; Silva et al., 2016; Lara et al., 2018) têm se tornado cada vez mais recorrentes no Brasil, impulsionados, nos últimos anos, por ações de colaboração em pesquisa, por realização de eventos, por publicações em periódicos, pela recepção de pós-graduandos de diferentes nacionalidades, por pesquisadores de outro países que passam a compor o corpo docente em Instituições de Ensino Superior e pelo desejo de conhecer outras realidades, seja por necessidade pessoal ou institucional². Nota-se, com isso, o crescente interesse em conhecer como a educação física se desenha para além de nossa própria territorialidade, identificando proximidades e distanciamentos.

No caso da educação física brasileira, há uma motivação institucional ligada à pós-graduação no sentido de se aumentar e aprimorar os processos de internacionalização (Seron, 2014), os quais, embora visem a universidades europeias e norte-americanas renomadas, também se voltam à América Latina. Para além desse aspecto, o reconhecimento de uma educação física latino-americana representa a possibilidade de se instituir formas de resistência a modelos de práticas corporais e a imposições advindas de políticas internacionais de organização e avaliação da educação (Dourado; Oliveira; Santos, 2007; Bianchetti, 2008; Menegat; Seniw; Lindemann, 2016) e, conseqüentemente, da educação física e dos esportes. Assim, pensar em uma educação física latino-americana não é erigir um modelo homogêneo e deformador das diferenças, mas demarcar maneiras singulares e diversas de produzir conhecimento acerca do corpo que se move, nas suas mais distintas práticas corporais, as quais se encontram ou se distanciam em suas interlocuções.

² Lembro, aqui, de alguns pesquisadores oriundos de países latino-americanos e que têm contribuído com a produção acadêmica da educação física brasileira na condição de docentes em Instituições de Ensino Superior (IES), a exemplo de Hugo Lovisolo (UERJ; UNISUAM), Fernando Jaime González (UNIJUÍ) e Santiago Pich (UFSC). No tocante à pós-graduação, refiro-me a pesquisadores de países latino-americanos que têm procurado a pós-graduação em educação física para se qualificar em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Em relação aos eventos científicos, menciono o seminário realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2002, o qual reuniu pesquisadores brasileiros e argentinos da educação física. A coletânea organizada por Bracht e Crisorio (2003) registra esse diálogo e apresenta questões acerca da identidade da área nos dois países. Cito, também, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e o Congresso Internacional de Ciências do Esporte, os quais incluíram, em duas edições consecutivas (2015, 2017), a preocupação com a educação física na América Latina. Tal ação impulsionou o debate nesse campo, além de intensificar a produção científica em Anais dos Eventos e Coletâneas. Cf. Silva et al. (2016). Cf. XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Anais...** Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2013/5conice/schedConf/presentations>. Acesso em: 29 abr. 2018.

No ensejo de investigar a cultura e o reconhecimento na Educação Física como formas de se pensar num diálogo latino-americano é que proponho algumas questões que se materializam por meio desse texto. Primeiramente, apresento dados acerca da relação entre cultura e educação física a partir da colaboração acadêmica de pesquisadores vinculados a Instituições de Ensino Superior latino-americanas. A partir desses dados e de outros advindos da literatura sobre o tema, problematizo a (in)visibilidade da relação entre cultura e educação física sem, contudo, deixar de reconhecer as diferenças constitutivas e identitárias que as perfazem. Por fim, discorro sobre o papel da cultura e do reconhecimento como categorias basilares para se pensar na construção identitária de uma educação física latino-americana. Trata-se do momento de revisitar o entendimento conceitual dessas categorias, ressignificando-as em contextos específicos.

2. Da incursão pela educação física latino-americana e da construção do percurso investigativo

O interesse por pesquisar a educação física na América Latina é decorrente de estudos que tenho realizado com vistas à compreensão do papel e dos impactos da cultura na produção de conhecimento da educação física brasileira e na realidade escolar. Tais estudos foram motivados por discussões realizadas no âmbito da pós-graduação, por literatura específica ao tema e por inquietações surgidas junto ao grupo de pesquisa que coordeno na Universidade Estadual de Maringá (Corpo, Cultura e Ludicidade/GPCCL/UEM/CNPq), as quais impulsionaram o desenvolvimento de estudos com foco na relação entre cultura e educação física. Lembro, aqui, a dissertação de Lopes (2013) como originária desse processo ao tratar a cultura como centralidade ou periferia na produção de conhecimento da educação física brasileira a partir da ótica de pesquisadores, desdobrada, posteriormente, em artigo científico (Lopes; Lara, 2018).

Os achados dessa pesquisa, somados a contatos com pesquisadores em países como Argentina e Colômbia, despertaram-nos (pesquisadora e grupo de pesquisa) para problemáticas afetas à relação entre cultura e educação física na América Latina. Algumas questões emergiram desse contexto: haveria, na educação física latino-americana, preocupações com a questão cultural?; denominações como as existentes no Brasil (cultura corporal, cultura corporal de movimento, cultura de movimento humano, cultura física, cultura esportiva, cultura do corpo) seriam recorrentes no contexto latino-americano da educação física?; pesquisadores de IES latino-americanas avaliavam a educação/educação física de seu país como de qualidade?. Tais questões despertaram-nos para formas de alfabetização na cultura do outro, o que pressupunha despir-se de nossos próprios referenciais e juízos morais para que outras realidades pudessem ser visibilizadas. Interessava-nos compreender o movimento da educação física

nesses países e se uma perspectiva crítica desse campo de conhecimento e intervenção passava pela tematização cultural.

O desenvolvimento de pesquisas com a educação física latino-americana ocorreu no período de 2012 a 2017, por meio do contato com pesquisadores ligados a Instituições de Ensino Superior em países como: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, México, Uruguai e Venezuela. O estudo foi desenvolvido por meio do acesso a referenciais teóricos, documentos educacionais, informações disponibilizadas nos sites institucionais das universidades e interlocução com pesquisadores mediante a aplicação de um questionário *online*, elaborado com ferramentas do *Googledoc*. Os critérios de seleção dos pesquisadores consideraram seu vínculo com universidades estatais/federais; oferta de curso superior em Educação Física (não técnico ou tecnológico); c) tempo de existência institucional, com prioridade na duração do curso de educação física; d) existência de Programa de Pós-Graduação em Educação Física na instituição (não excludente). Foram eliminados dessa relação cursos de graduação em *Kinesiologia* ou técnicos em Educação Física.

Parte da pesquisa foi publicada na forma de artigos em periódicos (Silva et al. 2015; Tortola et al. 2017; Lara et al. 2018) e outra parte encontra-se em fase de publicação (dois artigos e um livro)³. Os estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade foram apresentados no Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte – CIPE, em Maringá (Lara et al., 2015), no Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física – CHELEF/Londrina e Campinas (Marani et al. 2014; Lima et al. 2016; Moreno, Miranda, Lara, 2016), no VIII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte (Pinheiro et al., 2016) e também no XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte – Conbrace e Conice (Lima, Miranda, Rizzo, 2017; Pinheiro, Souza, 2017; Pinheiro, Vieira, 2017; Tortola, Lara, Miranda, 2017⁴).

A menção a essas publicações (tanto os artigos quanto as apresentações e os resumos em congressos), tem, obviamente, sua importância como registro, mas a transcende. Os estudos representam o trabalho e o empenho de docentes e discentes (graduação, iniciação científica, mestrado e doutorado) em (re)conhecer a educação física na América Latina, notadamente em sua relação com a cultura. Parto do entendimento que a publicação da pesquisa e sua disseminação em periódicos é tão

³ Os artigos em fase de publicação são: a) LARA, L.M. et al. (prelo). Leituras da relação entre cultura e educação física: interlocuções com pesquisadores na Argentina, no Chile e na Colômbia. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**; b) RIZZO, M.A.L.; SOUZA, V.F.M.; LARA, L.M. (prelo). Leituras da relação entre cultura e qualidade na Educação/Educação Física venezuelana: entre incursões teóricas e aportes de pesquisadores universitários. **Acta Scientiarum** (Education). O livro em fase de publicação (prelo) intitula-se 'Educação Física e cultura na América Latina', sendo organizado por Lara, Souza e Miranda. A obra apresenta capítulos escritos por alguns dos pesquisadores em IES latino-americanas que colaboraram com a referida pesquisa, assim como por autores vinculados ao Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/UEM/CNPq).

⁴ O trabalho apresentado por Tortola, Lara e Miranda (2017), resultado das pesquisas desenvolvidas pelo GPCCL/UEM/CNPq, recebeu o Prêmio CBCE de Literatura Científica no XX Conbrace e VII CONICE (GTT Escola), na cidade de Goiânia.

fulcral quanto o debate advindo do contato direto com os pares por meio da participação em eventos, momento de refinamento do conhecimento produzido, de avaliação de sua condução e de intensificação da experiência formativa.

O estudo desenvolvido por meio da interlocução com os pesquisadores desses países tornou possível a configuração de uma dada representação da educação física latino-americana. Obviamente, essa é apenas uma leitura, entre outras, a partir de um dado recorte teórico-metodológico que considera a subjetividade do pesquisador participante do estudo e o ‘como’ ele percebe e apreende sua realidade. Assim, entendo que cada contribuição advinda dos pesquisadores participantes da pesquisa tem a sua força como parte de um todo complexo, embora não possa, certamente, dar conta desse todo, algo difícil de ser alcançado em pesquisas dessa natureza. Assim, os dados decorrentes dessa investigação têm as marcas da subjetividade dos pesquisadores ligados a diferentes IES latino-americanas e se configuram como “modos de ver” a educação física, ou seja, como orientações que nos permitem um primeiro diálogo com a cultura do outro rumo ao processo de reconhecimento desse outro. Feita essa observação, apresento dados decorrentes do estudo realizado com a colaboração de pesquisadores de IES latino-americanas.

3. A (in)visibilidade da relação entre cultura e educação física na América Latina

De modo geral, a educação física latino-americana é constituída a partir de contextos históricos bastante semelhantes, marcados por processos de colonizações territoriais, ditaduras, influências internacionais nas questões econômicas e político-educacionais, acentuadas desigualdades sociais (Galeano, 1994a; Gentili, 2009), bem como pelo uso do esporte como forma de expressão do nacionalismo e artefato mercadológico (Galeano, 1994b; Sá, 2016). Tal aproximação contextual entre países latino-americanos não exclui, obviamente, suas diferenças constitutivas, haja vista que “[...] a América Latina abarca heterogeneidades culturais, pluralidades étnicas, diversidades econômicas, experiências diferentes e desigualdades estruturais” (Escosteguy, 2010: 18). É nessa configuração paradoxal e bastante familiar a muitos países que a educação física, com demarcações médico-higienistas e biologicistas, vai sendo, gradativamente, repensada e modificada a partir de processos de redemocratização. Tem-se, assim, outras leituras e/ou interlocuções com a literatura advinda das ciências humanas e sociais, o que culmina no processamento de novos paradigmas. Nesse percurso, nota-se que as condições temporais e espaciais para a leitura crítica da área não são iguais.

Embora o termo educação física tenha se estabelecido de modo bastante amplo para delimitar um campo de conhecimento e intervenção na América Latina voltado à atividade física e saúde, ao esporte e ao corpo em movimento nas mais diferentes práticas corporais, há outros termos utilizados

para referendar esse campo, os quais se estabelecem de modos diferenciados a partir de como cada país deles se apropria. Lembro, por exemplo, os termos cultura física, ciências da atividade física e do esporte, ciências do esporte, evidenciados em um estudo desenvolvido por Silva e Bedoya (2015) por meio da interlocução com pesquisadores latino-americanos.

Diferentemente do que ocorre no Brasil, em que o objeto da educação física é delimitado pela palavra cultura ligada às palavras corporal, corporal de movimento, de movimento humano, física, do corpo e esportiva (Lara, 2013; Lopes, 2013) constato, por meio de pesquisas realizadas junto ao GPCCL/UEM/CNPq, com a colaboração de 18 interlocutores em oito países latino-americanos, que o tema da cultura na educação física encontra-se, notadamente, deflagrado de forma subliminar, ou seja, ele não se configura como um tema central na produção de conhecimento, no campo escolar ou no debate epistemológico da área. Apesar disso, a palavra cultura, na educação física desses países, é geralmente associada a um outro termo, a exemplo do conceito de cultura física, o que o faz, de certa forma, visibilizado, mas não necessariamente problematizado por uma atividade epistemológica.

No intuito de situar as relações entre educação física e cultura é que apresento alguns dados referentes a como o tema da cultura integra a produção de conhecimento e/ou a educação física escolar, procurando explorar a predominância do conceito de cultura física em alguns dos países latino-americanos investigados, a começar pela Bolívia. Pinheiro e Souza (2017: 686) auxiliam a exemplificar essa questão, como observado no seguinte excerto:

Com relação aos conceitos cultura física, cultura corporal, cultura de movimento ou outro conceito integrado à produção do conhecimento da área, os interlocutores bolivianos explicitaram que existe um termo que aparece com mais frequência, cultura física, o qual, não é próprio do país e tampouco hegemônico. Outros termos presentes são: cultura da atividade física, cultura corporal e cultura de movimento. Em geral, eles esclarecem que esses conceitos, são desenvolvidos nos cursos de formação de professores e que relacionam-se ao corpo, ao movimento, às capacidades cognitivas, afetivas e ao folclore nacional (à dança e ao cuidado do corpo mediante a atividade física).

As autoras esclarecem que a cultura, na escola boliviana, “[...] está relacionada à cultura ancestral de cada região e aos valores presentes na Lei n. 070/2010”, sendo a educação física escolar compreendida como parte da cultura física. Observam, ainda, que a cultura “[...] desenvolve-se por meio da prática de exercícios que buscam o desenvolvimento de habilidades e destrezas motoras (como a dança, demonstradas em momentos cívicos de cada estabelecimento) e esportivas, assim como conhecimentos sobre alimentação adequada e ótimo estilo de vida” (Pinheiro; Souza, 2017: 686-687).

Já os professores cubanos, como informam Pinheiro e Souza, destacam (2017: 685), “[...] o conceito de ‘cultura física’ como o mais recorrente em sua realidade, o qual envolve aspectos da valorização do exercício físico a fim de aperfeiçoar o biológico e o espiritual do homem”. No tocante à

realidade da educação física cubana, as autoras mencionam que o termo cultura “[...] não é tratado no ambiente escolar como um componente curricular”, embora seja “[...] relacionado às esferas social, afetiva, motora e cognitiva que, por sua vez, integram a formação de valores e componentes acadêmico, científico e laboral” (2017: 686).

Ao contarem com a colaboração de pesquisadores mexicanos, Lima, Miranda e Rizzo (2017: 949) explicam que o conceito de cultura física é utilizado no México desde a década de 1970 e que esse conceito vinculou-se à proposta de democratização do esporte e da atividade física, embora orientado pelas ciências naturais. Apesar da cultura física ser conhecida por meio da literatura de outros países, como informa um dos pesquisadores que participou da pesquisa, nota-se que “[...] o termo como tal não tem raízes e quase nenhuma produção teórica nessa área”.

Em relação ao Uruguai, Lima, Miranda e Rizzo (2017: 950) esclarecem, com base nos estudos de Paola Dogliotti (pesquisadora uruguaia) que a cultura física, nesse país, “[...] está a serviço de um processo de higienização e homogeneização do esporte, predominantemente influenciado pelo modelo norte-americano”. Tortola et al. (2017:45) corroboram a ideia da predominância do termo cultura física na educação física uruguaia, a qual estaria delineada por um viés higienista e eugenista, sobretudo no início do século XX. Assim, os autores concluem que “[...] o conceito de cultura física acaba se definindo, na realidade uruguaia, a partir de uma ‘cultura do físico’, destituída da interlocução com as humanidades e de uma percepção ampliada do próprio corpo para além de sua fisicalidade”. Apesar dessa demarcação, são percebidas mudanças na educação física uruguaia a partir da interlocução com pesquisadores de outros países que dialogam com as ciências humanas e sociais, bem como por meio do surgimento e desenvolvimento dos conceitos de cultura corporal e cultura do movimento. Um dos interlocutores uruguaio entende ser o Brasil o país que mais teria avançado numa leitura crítica da educação física (Tortola et al., 2017), narrando o momento em que eles passam a ter contato, na década de 1990, quase que, por acaso, com uma das obras do pesquisador Valter Bracht (parece ter sido Educação Física e Aprendizagem Social), o qual teria destaque na educação física uruguaia.

Na educação física colombiana, o conceito de cultura física também tem sua expressão. “Para P2CO⁵ [...], ainda é forte, na Colômbia, o conceito de cultura física, o que faz com que o conceito de cultura seja atrelado ao esporte e à atividade física, carente, muitas vezes, da interlocução com as humanidades e de uma perspectiva ampliada do conceito para outros campos do conhecimento” (Silva et al., 2015, p. 50). Com base nas informações fornecidas por interlocutores participantes da pesquisa, Silva et al. (2015) afirmam que a cultura não se constitui como um dos principais temas da educação física colombiana, embora esteja presente nessa realidade associada à prática (esportiva, de atividade física) e expressa pelo conceito de cultura física.

⁵ Sigla para se referir à pesquisadora colombiana participante da pesquisa, em respeito ao anonimato.

Outros conceitos, como cultura corporal, cultura profissional e professoral, que apresentam leituras particulares da educação física a partir do diálogo com as humanidades, estariam presentes na formação universitária na Colômbia, embora como algo ainda em construção. Contudo, nota-se a existência de paradigmas que valorizam a dimensão corporal e integral dos sujeitos. Os autores ainda lembram conceitos como cultura esportiva/desportiva, cultura da expressão corporal, cultura de recreação/tempo livre, cultura da saúde e corporalidade, assim como a cultura ligada às tradições e identificadora da nação como expressões presentes nessa realidade, embora menos demarcadas que o conceito de cultura física.

A educação física na Argentina, no Chile e na Venezuela (Tortola, Lara, Miranda, 2017; Lara et al., prelo; Rizzo, Souza e Lara, prelo) não é demarcada pelo uso do conceito de cultura física, sendo desenvolvida na escola como parte de apresentações culturais (gímnicas e outras). Como explica um dos colaboradores na Venezuela, há uma ou outra produção teórica que discuta a cultura na educação física mas, em geral, conceitos como cultura física, cultura de movimento e cultura corporal não compõem, necessariamente, interesse de pesquisa em educação física naquele país. Isso ocorre, na visão dos interlocutores venezuelanos, pela ênfase dada ao esporte, às habilidades motoras, à recreação e às destrezas, o que acaba inibindo o desenvolvimento de temas culturais. Assim, associações da educação física a palavras como cultura física, cultura corporal e cultura de movimento não seriam comuns, sobretudo pelo fato da educação física (pensada como conteúdo esportivo), ser subordinada a instituições e entidades, bem como por receber influências da psicomotricidade e da sociomotricidade (Rizzo, Souza e Lara, prelo).

No Chile, o conceito de cultura física também não é expresso em falas de pesquisadores que colaboraram com nossos estudos. Nota-se a relação entre cultura e educação física construída de modo bastante tênue nessa realidade, sobretudo por sua vinculação com a saúde e com os esportes, a exemplo da mudança do nome Educação Física para 'Educação Física e Saúde', constante nas Bases Curriculares (Chile, 2013) daquele país, como estratégia para enfrentar problemas de sedentarismo. A cultura é citada pelos pesquisadores como parte de documentos oficiais ligados à educação, embora o tema seja carente na formação do professor, algo que se repercute na prática docente na escola. No que toca a sua apropriação na educação física escolar, a cultura vincula-se a jogos tradicionais e a danças, a questões de identidade nacional e regional, com foco no nacionalismo e na tradição (Tortola, Lara, Miranda, 2017; Lara et al., prelo).

Por sua vez, na Argentina (Tortola, Lara e Miranda, 2017; Lara et al., prelo), constatou-se não haver o exaustivo tratamento do tema cultura na educação física escolar. Geralmente associa-se a cultura a jogos tradicionais passados ao longo de gerações, deixando-se lacunas quanto ao atendimento à diversidade de culturas e às necessidades das pessoas pelo uso de padrões deformadores e repetitivos.

No contexto universitário, a cultura tem seu espaço na educação física como parte de um debate que toca, sobretudo, o corpo. Na universidade de La Plata, por exemplo, como informa um dos interlocutores da pesquisa (Lara et al., prelo), a cultura é discutida a partir de projetos, sob diferentes perspectivas (cultura escolar, cultura acadêmica, cultura corporal, perspectivas interculturais, cultura popular, entre outros), algo que demarca paradigmas distintos para a educação física em relação aos paradigmas tradicionais, de ordem natural. Nota-se aqui, também, colaborações entre pesquisadores da Argentina e do Brasil (Bracht; Crisorio, 2003), as quais têm impulsionado avanços na produção de conhecimento dos países envolvidos.

Nota-se que a temática da cultura é desenhada de modos diferentes na educação física dos países latino-americanos com os quais tenho trabalhado. Preocupações epistêmicas acerca da cultura na educação física como forma de impulsionar leituras da realidade por meio do diálogo com as ciências humanas e sociais tem sido desenvolvidas já, há mais de 30 anos, no Brasil. Nos demais países investigados, esse tempo acaba sendo diferenciado, ‘mais’ ou ‘menos’ explícito a partir de como a educação física é gestada (na escola, na universidade, no campo profissional e na produção de conhecimento), considerando o contexto educacional, político-econômico e social de cada realidade. Isso não significa que a educação física, nesses países, careça de perspectiva crítica, mas, sim, que ela se deflagra alimentada por caminhos que nem sempre experienciam a atividade epistemológica pela perspectiva cultural. Por vezes, é pelo corpo/corporeidade que esse percurso crítico se constrói.

Posto isso, entendo que o problema não está na escolha dos caminhos em si, mas em como eles são percorridos com vistas à implementação de ações e abordagens qualificadas que possam se desvencilhar de práticas retrógradas, fragmentárias e pautadas em dimensões naturalizadas do humano, as quais tendem a destituí-lo de sua constituição histórica e a ferir sua autonomia na escolha das práticas corporais e no acesso democrático a essas práticas. Como lembra Freire (2002: 24), não é possível estar no mundo sem fazer história (e por ela ser feito), “[...] sem fazer cultura, sem ‘tratar’ sua própria presença no mundo, [...] sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar [...]”. Assim, não é possível cruzar os braços para uma educação física baseada na fisicalidade e em parâmetros preditivos, como se esse fosse o modelo formativo para o corpo e suas práticas corporais. Tampouco é pouco justificável a estruturação de uma educação física alheia ao aprendizado com o outro e, aqui, em especial, ao outro latino-americano.

4. Desdobrando a educação física latino-americana sob o viés da cultura física e de elementos da tradição/nacionalismo

Ao apresentar alguns dados da pesquisa realizada com interlocutores de IES latino-americanas, expressos, notadamente, por questões afetas à relação entre cultura e educação física, procurei sinalizar para diferenças na abordagem da temática cultural. Ou o tema da cultura aparece vinculado à produção de conhecimento e à estruturação do campo de ação prática (visível na realidade brasileira), ou é associado a nomenclaturas como cultura física, cultura corporal e/ou cultura de movimento, marcada (ou não) por reflexões epistemológicas. Em algumas realidades (como Colômbia e Uruguai), o conceito de cultura física representa, para dados interlocutores, formas acríicas de uma educação física positivista, preditiva e de naturalização do humano, a ser superada, sendo a cultura corporal (ou a cultura de movimento) um dos caminhos buscados a essa superação. Nessas realidades, o corpo como forma de saber humano tende a ser revisitado em sua perspectiva holística e em seu potencial crítico, representando formas de leitura e desenvolvimento de uma educação física não tradicional, como evidenciam Gallo (2017) e Villa (2003).

Contudo, é importante destacar que, ao mesmo tempo em que se assiste a críticas ao conceito de cultura física na América Latina (associado a uma educação física reprodutivista, com foco na aptidão física) e a adoção de outros conceitos mais afinados aos lastros das ciências humanas e sociais, observa-se um movimento, em países como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, que busca dar visibilidade ao conceito de cultura física, ressignificando-o. Tal conceito ganha ressonância na teoria Physical Cultural Studies (PCS) – Estudos Culturais Físicos – que se refere a um campo teórico e de intervenção que investiga a cultura física em suas relações com o corpo (in)ativo, “[...] percebido em sua dimensão contextual em meio às diferenças de classe, gênero, etnia, raça, sexualidade, geração, nação” (Lara; Rich, 2017: 1312), assim como em suas relações de poder, estudadas em contextos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos das sociedades neoliberais.

Pesquisadores vinculados a essa corrente teórica, como Silk e Andrews (2011), Giardina e Newman (2011), Silk, Andrews e Thorpe (2017), vêm ressignificando esse conceito a partir do entendimento de que ele é mais abrangente do que o de esporte por agregar diversas práticas e expressões do corpo, como dança, atividade física, atividades de lazer, esporte, entre outras. Essa preocupação com a ampliação do acesso a diferentes práticas corporais (e não apenas às esportivas) é bastante similar ao que ocorreu no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, a partir da delimitação do objeto da educação física pelas nomenclaturas cultura corporal, cultura corporal de movimento, cultura de movimento humano e cultura física (Lara, 2013).

Um aspecto a se observar é que o conceito de cultura física, utilizado no Brasil por Pereira (1988), Betti (1992), Gomes Tubino (1992) e, ainda, como verbete em dicionário crítico (Vicente Pedraz, 2005), passa a ser gradativamente abandonado ou raramente visualizado na produção de conhecimento da área. Tampouco esse conceito desenhou-se pela associação com uma perspectiva

positivista e prescritiva de educação física. Pelo contrário, o conceito foi desenvolvido como uma tentativa de olhar para a educação física em sua abrangência (na forma de jogos, danças, ginásticas, lutas e esportes), aproximando-se, em algumas características, do conceito defendido pelo PCS. Nos demais países da América Latina estudados, o conceito de cultura física parece assumir, ao menos, três caminhos: de conservação (foco na atividade física e no esporte), de ressignificação (tentativa de leitura do conceito numa perspectiva ampliada) e de abandono (adoção de outros conceitos, como o de cultura corporal ou cultura corporal de movimento).

O fato de alguns dos países latino-americanos investigados vincularem a cultura a formas de expressão da tradição e do nacionalismo, manifestas na educação física por meio das danças e de festivais, pode ser observado, especialmente, a partir de duas constatações. A primeira delas é que a associação da cultura à tradição e a formas de expressão de um país pode estimular o desenvolvimento da face da cultura voltada à adaptação e à repetição dos valores dominantes, desconsiderando-se o outro (o diferente dessa cultura) e fechando-se a processos comunicacionais. Como afirmam Tortola, Lara e Miranda (2017: 1251), a tradição constitui-se como “[...] formas de gerar um estado de pertencimento e um sentido particular de nação que, ao se fechar em si mesmo, pode levar à negação do outro”. Nesse caminho, “[...] a cultura passa a ser um artefato social submetido às relações de poder, estando interligada a essas relações”.

Reconhecer as práticas do corpo a partir da tradição e do nacionalismo, como presente nas falas de alguns interlocutores (na Argentina, na Venezuela, no Chile e na Colômbia) é uma das formas de visualizar a cultura na educação física (embora não a única), sob o risco de reducionismos e esvaziamento do diálogo cultural transformador. A regulação (muitas vezes disfarçada de nacionalismo e tradição) assume, em geral, formas subliminares, as quais vão, gradativamente, governando a moral pela cultura. Como esclarece Hall (1997: 18), assim como a cultura é regulada, “regula nossas condutas, ações sociais e práticas”, funcionando no interior do ‘jogo do poder’, com arranjos discursivos ou simbólicos. Atentar-se para esses arranjos e para as formas como eles atuam no corpo, descortinando-os, é papel fundamental do educador/pesquisador no campo da educação física. Afinal, como lembra Canclini (2000), as culturas populares, nas sociedades modernas, não são produtos estanques, mas representam a dinâmica dessas sociedades a partir das experiências de distintos grupos; são constituídas por elementos híbridos complexos, oriundos de diferentes classes sociais e nações, e não por tradições supostamente inalteradas.

As reflexões acerca da cultura física e de como ela assume significados diferentes a partir dos agentes que o interpretam e o operacionalizam discursiva e empiricamente em sua realidade não são aparatos para hierarquizações em termos de supremacia de um ou outro pensamento. Pelo contrário, revelam nuances próprias a serem consideradas, as quais tendem a favorecer um diálogo profícuo que

aprimore relações intersubjetivas, o que pressupõe o tensionamento das diferenças e não meramente a soma de consensos acríticos. Entender, portanto, as peculiaridades da educação física em diferentes contextos latino-americanos representa um caminho para a identificação de nossa própria realidade. O estudo da cultura e do reconhecimento tem muito a contribuir para a expressão de processos identitários, haja vista o aprendizado decorrente de uma abertura ao outro, condição essencial para o fortalecimento de nossos saberes, para o refinamento epistemológico e para o avanço na produção de conhecimento.

5. Considerações finais: o papel da cultura e do reconhecimento na construção identitária de uma Educação Física latino-americana

A ampliação do olhar para a cultura e para o reconhecimento – em seus modos de apreensão do outro – provoca deslocamentos no processo identitário. Isso sugere, segundo Hall (1997: 8), que a identidade não é originária de um “eu verdadeiro e único”, mas das representações discursivas que chegam até nós e do “desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns dos discursos”. Nessa direção, “[...] nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente” (Hall, 1997: 8), haja vista que elas decorrem daquilo que vivemos, de nossas experiências, histórias e sentimentos. Logo, entendo que podemos falar de uma identidade da educação física latino-americana por ser ela pensada nessa dinâmica da vida social. Ao mesmo tempo que nutre sua especificidade local (país), carrega consigo marcas da construção identitária do povo latino-americano – colonizado, regulado por políticas econômicas internacionais, mas rico em criar formas de resistência ao controle e à opressão, bem como em sua constituição populacional diversa e sedutora.

A tematização da cultura e do reconhecimento requer alguns investimentos. Um deles dá-se pelo entendimento da impossibilidade de se fixar normas para essa delimitação ou enrijecer conceitos, haja vista sua dinâmica e sua complexidade. O que procuro, aqui, é lançar olhares acerca dessa interrelação na tentativa de delimitar alguns aspectos que considero basilares nessa configuração. Outro investimento ocorre pela compreensão de que o reconhecimento de algo (ou de alguém) pressupõe o exercício da alteridade, ou seja, da qualidade de experimentar a perda de si para o encontro com o outro, sem o abandono total de si mesmo, num processo intersubjetivo de coaprendizados e de construção identitária (mescla do eu e do outro). Contudo, isso não significa necessariamente consenso, posto que a luta por reconhecimento, com base Honneth (2003), ocorre em meio ao conflito social. Por fim, outro investimento está justamente no entendimento de que o estudo da cultura, em sua face positiva

pelo foco na autonomia e emancipação dos sujeitos sociais é a abertura ao outro e ao reconhecimento de sua construção identitária.

Ao pensar a cultura na educação física, acompanho Hall (1997: 6) na ideia de que ela não pode mais ser visualizada como algo soft, ou seja, “[...] como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se[...]”, haja vista que ela passa a assumir uma condição essencial, constitutiva da vida humana e da análise social, sobretudo com a ‘virada cultural’⁶. Isso não significa, entretanto, que a cultura está em tudo ou “[...] como seus críticos por vezes têm alegado – que não há nada senão a ‘cultura – que tudo é ‘cultura’ e que a ‘cultura’ é tudo [...]” (1997: 13), mas que ela permeia toda prática social, atribuindo significados. A cultura não se resume à dimensão material; ela possui sentidos simbólicos, evidenciados nas relações entre as pessoas, no agir prático-moral, nas necessidades estético-expressivas, nas construções identitárias e nos dispositivos de poder que tendem a acionar discursos e comportamentos como forma de regulação e controle social.

Entendo que localizar a cultura na educação física é abrir espaço para as diferenças que constituem o ser que se move e que se afirma como agente no mundo, que atribui sentidos e significados e que se constrói identitária e historicamente em contextos densamente marcados por relações de poder. Nisso se revela a dupla face da cultura, haja vista que ela “[...] representa, de um lado, uma força política que promove a autonomia dos sujeitos e, por conseguinte, o processo emancipador; de outro, não se pode negar que ela também apresenta uma dimensão de adaptação e socialização dos valores dominantes na sociedade” (Werlang, 2005: 28). Essa tensão dialética expressa-se na educação física a partir de como a área incorpora práticas hegemônicas, encaminhando-se para o fortalecimento de certas ideologias e para o que Werlang (2005: 29) denomina ‘processos regressivos de formação’.

No que se refere ao reconhecimento desenvolvido por Honneth (2003, 2011), vale esclarecer que essa teoria foi estruturada em conjunturas europeias bastante distintas das latino-americanas. Apesar disso, sua contribuição teórica é significativa para reflexões acerca da luta por reconhecimento a partir de processos de invisibilidade do sujeito e do desprezo, no contexto da América Latina. A Honneth interessa os conflitos resultantes de experiências de desrespeito social, em que a identidade pessoal ou coletiva é ferida. Tem-se, portanto, uma força moral que impele os sujeitos à luta por reconhecimento no sentido da saída de sua invisibilidade, a qual, apesar de variar entre as culturas, teria a mesma função constitutiva para a comunicação interpessoal, posto que a referência simbólica é a afirmação por gestos expressivos corporais de identificação. São esses gestos, orientados por uma dada

⁶ “Foi nos anos 1960, com o trabalho de Lévi-Strauss e Roland Barthes na França, e de Raymond Williams e Richard Hoggart, no Reino Unido, que a ‘virada cultural’ começou a ter um impacto maior na vida intelectual e acadêmica, e um novo campo interdisciplinar de estudo organizado em torno da cultura como o conceito central – os ‘estudos culturais’ – começou a tomar forma, estimulado em parte pela fundação de um centro de pesquisas de pós-graduação, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, em 1964” (Hall, 1997, p.11-12).

performance corporal, que levam os seres humanos a se colocarem junto aos outros em suas relações sociais. Logo, o reconhecimento é, em Honneth, “[...] uma posição destacada dos gestos em nosso mundo social com os quais nos tornamos presentes e orientamos nossa ação ante a autoridade moral do outro” (Lara, 2016: 70).

O reconhecimento, na educação física latino-americana, especialmente no tocante aos processos intersubjetivos que tocam colaborações acadêmicas, expressa-se em práticas de ação moral de respeito e aceitação do outro, em que se identificam processos identitários a serem valorados justamente na sua diferença. O fato de a educação física boliviana, colombiana, cubana, mexicana e uruguaia serem amplamente visualizadas pelo conceito de cultura física (nem sempre voltada a uma perspectiva crítica da área) requer o entendimento histórico dos processos que levaram a essa configuração, assim como das novas rotas que se desenham nesses países a partir de teorias críticas. O mesmo se dá em relação às práticas que identificam cultura à tradição e ao nacionalismo, as quais, embora não expressem a totalidade da relação entre cultura e educação física, podem representar singularidades em termos de resistência a imposições culturais internacionais oriundas de processos neoliberais.

Por fim, o reconhecimento pressupõe a identificação dessas diferenças e de sua localização histórico-social, ampliando as percepções para os espaços de renovação da educação física por meio de ações colaborativas. Olhar para uma educação física “latino-americana” é identificar o que ela tem de melhor e em que aspectos ela falha no sentido de revisões de nossa área e qualificação de nossas ações de pesquisa e intervenção. Sem isso, ou seja, sem os gestos expressivos de afirmação desse reconhecimento em nossas relações latino-americanas, podemos gerar formas de desrespeito, desprezo, intolerância e invisibilidade do outro que desencadeiem as lutas por reconhecimento. Não estou, com isso, negando o conflito social – parte importante das relações sociais e de um debate profícuo. Questiono, sim, os mecanismos que tendem a tornar invisível o outro por meio de uma gestualidade que nega sua autoridade moral e que invalida sua constituição identitária. Com esses cuidados – cuidado com o outro –, talvez seja possível a prática de “[...] uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (Santos, 2003: 56), a ser amplamente gestada por uma educação física latino-americana.

6 Referências

- BETTI, M. (1992). Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, p. 281–287.
- BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (Orgs.) (2003). **A educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas, SP; Rio de Janeiro: Autores Associados; PROSUL.

- BIANCHETTI, R. G. (2008). Educação de qualidade: um dos dilemas fundamentais para a definição das políticas educativas. **Trabalho, Educação e Saúde** [online], v. 6, n. 2, p. 233–258.
- CANCLINI, N. G. (2000). **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3. ed. São Paulo: Edusp.
- CHILE, Ministerio de Educación [documento na internet].(2013). **Bases curriculares 2013: Educación Física y Salud**. [acesso em 20 abr. 2018]. Disponível em: <http://www.docentemas.cl/docs/2014/Segundo%20Ciclo/Bases%20curriculares%20Educacion%20Fisica%20y%20Salud%20-%20Decreto%20N433.pdf>
- DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. (2007). **A qualidade da educação: conceitos e definições**. Brasília, Ministério da Educação: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- ESCOSTEGUY, A. C. (2010). **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica (Online).
- FREIRE, P. (2002). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- GALEANO, E. (1994a). **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GALEANO, E. (1994b). **El fútbol a sol y sombra**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- GALEANO, E. (2010). **Días y noches de amor y de guerra**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- GALLO, L. E. (2017). Una didáctica performativa para educar (desde) el cuerpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 2, p. 199–205.
- GENTILI, P. (2009). O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. **Educación & Sociedad**, v. 30, n. 109, p. 1059–1079.
- GIARDINA, M.; NEWMAN, J. I. (2011). What is this “physical” in Physical Cultural Studies? **Sociology of Sport Journal**, v. 28, p. 36–63.
- GOMES TUBINO, M. J. (1992). **Esporte e cultura física**. São Paulo: Ibrasa.
- HALL, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, K. (Org.). **Media and cultural regulation**. Londres: The Open University.
- HONNETH, A. (2003). **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed.34.
- HONNETH, A. (2011). **La sociedad del desprecio**. Tradução Benno Herzog; Francisco J. Hernández. Madrid: Trotta S.A.
- LACERDA, P.J.C. (2017). **A (in)visibilidade do sujeito nas políticas públicas de esporte e lazer**. 207 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.
- LARA, L. M. (2013). Identidades e práticas corporais na produção de conhecimento em educação física. **ENGRUPEDança**, p. 140–153.
- LARA, L. M. (2016). Dominação, (in)visibilidade e resistência no corpo que dança. In: VOSS, R. R. (Org.). **Caminhos da pesquisa em dança: interculturalidade e diásporas**. Recife: Edupe, v. 1, p. 58-76.
- LARA, L.M. et al. (2015). **O debate sobre cultura na educação física escolar uruguaia sob o olhar de pesquisadores**. Anais do VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA DO ESPORTE. Maringá, 19 a 21 ago. Disponível em: <http://docplayer.com.br/amp/23452749-O-debate-sobre-cultura-na-educacao-fisica-escolar-uruguaia-sob-o-olhar-de-pesquisadores.html>. Acesso em: 18 abr.2018.
- LARA, L.M. et al. (2018). Qualidade na Educação/Educação física escolar Latino-americana: encontro de vozes nada dissonantes. **Journal of Physical Education**, v. 29, n.1, p.1–11.
- LARA, L.M. et al. (prelo). Leituras da relação entre cultura e educação física: interlocuções com pesquisadores na Argentina, no Chile e na Colômbia. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**.
- LARA, L. M.; RICH, E. (2017). Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1311–1324.

- LIMA, R.C.; MIRANDA, A.C.M.; RIZZO, M.A.L. (2017). **A cultura como temática na educação física latino-americana na perspectiva de interlocutores no México, no Uruguai e na Venezuela.** Anais do XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Goiânia, 17 a 21 set. 2017, p. 947-951. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/view/9536/4871>. Acesso em: 17 maio 2018.
- LIMA, R.C. et al. (2016). **A educação física e o processo de massificação do esporte em Cuba.** Anais do XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Campinas, 08 a 11 nov., p. 100-102. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/chelef2016/anais>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- LOPES, B. R. (2013). **A cultura na produção de conhecimento da educação física brasileira: centralidade ou periferia?** Dissertação de Mestrado – Maringá: Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Londrina.
- LOPES, B. R.; LARA, L. M. (2018). Cultura como central ou periférica na produção de conhecimento em educação física no Brasil sob a ótica de pesquisadores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 2, p. 146–155.
- MARANI, V. et al. (2014). **O conceito de cultura na educação física escolar argentina: perspectivas de docentes do ensino superior.** Anais do XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Londrina, 19 a 22 ago., 814-821. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/chelef/Anais%20CHELEF%20completo.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- MATIELLO, J. R.; CAPELA, P.; BREILH, J. (Orgs.) (2010). **Ensaio alternativo latino-americanos de educação física, esportes e saúde.** Florianópolis: Copiart.
- MENEGAT, J.; SENIW, R. M.; LINDEMANN, J. C. (2016). O direito à educação de qualidade: reflexões sobre o cenário educacional brasileiro no contexto global. **Redes: Revista Eletrônica Direito e Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 165–182.
- MORENO, I.P.; MIRANDA, A.C.M.; LARA, L.M. (2016). **Contextualização histórica da educação física boliviana.** Anais do XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Campinas, 08 A 11 nov., p. 98-99. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/chelef2016/anais>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- PEREIRA, F.M. (1988). **Dialética da cultura física: introdução crítica da educação física, do esporte e da recreação.** São Paulo: Ícone.
- VICENTE PEDRAZ, M. (2005). Cultura física. In: FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física.** Ijuí: Unijuí, p. 116–119.
- PINHEIRO, E. G.; VIEIRA, S. (2017). **Cultura e educação física escolar: olhares acerca da produção do conhecimento na Bolívia (2017).** Anais do XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Goiânia, 17 a 21 set., p.1-6. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/view/9485/4965>. Acesso em: 17 maio 2018.
- PINHEIRO, H.G. et al. (2016). **A educação física no Uruguai: debates acerca de potenciais e limites na educação física escolar.** Anais do VIII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Criciúma, SC., 08 a 10 set., p.1-12. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/paper/viewFile/8194/4495>. Acesso em: 22 abr.2018.
- PINHEIRO, E. G.; SOUZA, V.F.M. (2017). **A educação física em países da América Latina: cenários boliviano e cubano.** Anais do XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Goiânia, 17 a 21 set. p. 685-688. Disponível em:

- <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/view/9470/4857>. Acesso em: 17 maio 2018.
- RIZZO, M.A. L.; SOUZA, V. F.M.; LARA, L.M. (prelo). Leituras da relação entre cultura e qualidade na Educação/Educação Física venezuelana: entre incursões teóricas e aportes de pesquisadores universitários. **Acta Scientiarum** (Education).
- SÁ, A.B.S. (2016). **A copa das copas: o uso político-ideológico do futebol em propagandas governamentais**. Dissertação de Mestrado – Maringá: Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Londrina.
- SANTOS, B. S. (2003). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- SERON, J.M. (2014). **Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG 2011-2020) e suas inter-relações com a pós-graduação em Educação Física no Brasil**. Dissertação de Mestrado – Maringá: Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Londrina.
- SILK, M.; ANDREWS, D. L. (2011). Toward a Physical Cultural Studies. **Sociology of Sport Journal**, v. 28, n. 1, p. 4–35.
- SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.) (2017). **Routledge handbook of Physical Cultural Studies**. London and New York: Routledge International Handbooks.
- SILVA, A. M.; BEDOYA, V. M. (Orgs.) (2015). **Formação profissional em Educação Física na América Latina: encontros, diversidades e desafios**. Jundiaí: Paço Editorial.
- SILVA, A. M.; BEDOYA, V. M. (Orgs.). **Educación Física en América Latina: currículos y horizontes formativos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- SILVA, P. C. C. et al. (Orgs.) (2016). **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e as ciências do esporte**. Florianópolis: Tribo da Ilha, v. 1 e 2.
- SILVA, S. S. et al. (2015). Dimensões da educação física escolar colombiana e incursões pela tematização da cultura e qualidade na educação. **Cuerpo, Cultura y Movimiento**, v. 5, n. 1, p. 35–56.
- TORTOLA, E. R. C. et al. (2017). Cultura e qualidade na educação física a partir de interlocutores uruguaios. **Motrivivência**, v. 29, n. Esp., p. 37–56.
- TORTOLA, E.R.C.; LARA, L.M.; MIRANDA, A.C.M. (2017). **[O tema cultura na educação física escolar latino-americana: apontamentos de pesquisadores da Argentina, Chile e Colômbia](#)**. Anais do XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Goiânia, 17 a 21 set. 2017, p. 1249-1253. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/paper/view/9353/5443>. Acesso em: 17 maio 2018.
- VILLA, M. E. (2003). O corpo na educação física escolar. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (Eds.). **A educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas, SP; Rio de Janeiro: Autores Associados; PROSUL, p. 179–188.
- WERLANG, J. C. (2005). **Educação, cultura, emancipação: estudo em Theodor Adorno**. Passo Fundo: EdiFIBE.